

Prova teórica de avaliação para o acesso ao ensino superior dos maiores de 23 anos

Parte I - Prova de Língua e Cultura Portuguesas

I

1. Leia atentamente o seguinte texto e responda com clareza e precisão às questões que lhe são colocadas.

Dentro dos meus olhos

A minha mãe aparecia e desaparecia. A casa era um labirinto de sombras. O quintal suportava o tempo nos ramos dos pessegueiros. As ruas da vila aproveitavam o descanso. Era um serão do início de Setembro, um silêncio morno, a ideia de um lago. Era a véspera de eu fazer doze anos, estava sentado no último degrau da porta do quintal. As fitas caíam-me pelos ombros, cabelos compridos de plástico colorido, tocavam-me nas costas. Eu estava em tronco nu, ombros finos. Se me encostasse, entrava no mundo da casa: a minha mãe a fazer tarefas secretas, a mover-se entre as coisas, debaixo de luzes apagadas; a casa fresca e escura, ângulos negros desenhados no lugar onde sabíamos estarem os móveis. Se me inclinasse: o quintal. Depois dos muros, as ruas da vila. O quintal não suportava mesmo o tempo nos ramos dos pessegueiros, mas parecia. A noite tinha muitas estrelas. Hoje, não me recordo do que tinha feito nesse dia. Os meus amigos tinham nomes. Nesse tempo, eu e os meus amigos passávamos tardes inteiras juntos. É muito provável que os tenha encontrado nesse dia. Se conversámos, falámos de agosto que ainda trazia na cor da pele, ou falámos da escola, que voltava a ser possível. Embora me faltem pormenores, aquilo que sei é que, pela memória, sou capaz de regressar àquele serão, 1986, em que estava sentado

no último degrau da porta do quintal. O meu pai tinha adormecido havia muito tempo, o seu sono existia dentro de um dos quartos da casa.

Hoje eu sei quanta serenidade é necessária para que um pai adormeça antes do seu filho. Aqui, onde estou, sei isso. São paredes à minha volta, a seguir está Fevereiro, o frio. Para além do som das teclas do computador, o ponteiro dos segundos de dois relógios, alternados, um aqui e o outro ali. Depois das paredes, às vezes, um autocarro, ou silêncio. Este lugar, este tempo, sob o ponto de vista de quem está rodeado de palavras, a escrever, como é o caso, pode ser comparado a estar sentado no último degrau da porta do quintal, na véspera de fazer doze anos. Como nesse dia, se me encostar ou se me inclinar, entro em mundos diferentes. Em 1986, eu estava numa situação que pode ser comparada a estar aqui, agora, (...) e isso é extraordinário, conforme se verá.

Uma razão forte para essa admiração é que, aqui, nesta penumbra, paredes, ouço agora uma ambulância, dois relógios, posso imaginar todo o futuro. Essa é uma possibilidade incontestável. Não sei distinguir o possível do impossível, mas sou capaz de imaginá-los a ambos. E talvez a verdade esteja espalhada ou escondida em alguma parte desse infinito. Se isso não é extraordinário, desisto. Impressionante também é o facto de que quase tudo o que aqui

75 disse sobre mim, pode igualmente ser
dito sobre ti. Para este efeito, os meus
olhos são teus. Também tu estás num
hoje em que podes recordar e em que
podes imaginar. Sim, tu. Se não conhe-
80 ces a véspera de fazeres doze anos,
com a sombra da tua mãe, etc., é por-
que conheces outra ocasião que apenas
tu saberás e que poderás lembrar hoje
ou, mais tarde, num dia em que estejas
85 assim, entre memórias e possibilida-
des. O tempo não passa depressa, mas
passa. O quintal nunca suportou o seu
peso nos ramos dos pessegueiros. Ape-
nas parecia muito nitidamente que era
90 assim. Às vezes, ainda parece. Existe a
precisão geométrica e os registos; no
entanto, depois do amor, provou-se
que nada tem de ficar como está ou de
ser como é.

95 Hoje, tenho estas paredes à minha
volta e a suspeita de que, entre o que sei
está já tanto daquilo que serei. O que

ainda não está aqui, iniciou já o seu ca-
minho, dirige-se ao ponto onde me en-
100 contrará. É assim contigo também. É
necessária paz para aceitar esta certeza
simples, é necessária uma mistura de
ponderação e entusiasmo para sermos
capazes de desenhá-la pelos nossos
105 contornos, tanto quanto possível, claro.
Isto que parece banal são os desafios
que a vida nos coloca. Aqui, neste mo-
mento, somos uma espécie de monstro
num jogo de computador, carregamos o
110 passado e o futuro, temos uma forma
assustadora. E, no entanto, para lá da
abstracção, este é um lugar normal,
aquecido, e, hoje, aqui onde estou, en-
costado e inclinado, é dia 6 de Fevereiro
115 de 2009, escrevo agora este texto e, às
nove horas da noite, passam doze anos
sobre o instante em que o meu filho
mais velho nasceu.

PEIXOTO, José Luís, "Dentro dos meus olhos", in *Visão*,
n.º 832, 12 de Fevereiro de 2009 (texto com supressões)

1. O texto refere dois momentos temporais.
 - a) Identifique-os, explicando e descrevendo, sinteticamente, a situação em que o autor se encontrava nesses dois momentos (2 valores)
 - b) Transcreva a frase que comprova a existência de semelhanças entre esses dois momentos. (1 valor)
2. Na redação deste texto, a memória ocupa um papel determinante. Justifique esta afirmação, exemplificando. (1,5 valores)
3. Explique, por palavras suas, a seguinte afirmação, tendo em conta o conteúdo global do texto: "Hoje eu sei quanta serenidade é necessária para que um pai adormeça antes do seu filho" (linhas 42 a 44). (1,5 valores)
4. Explique o título do texto. (0,5 valores)
5. Considera tratar-se de um texto objetivo ou subjetivo? Justifique. (1 valor)

II

Num texto coeso e bem estruturado, relacione dois acontecimentos diferentes e marcantes na sua vida, relatando os sentimentos que tais acontecimentos lhe provocaram e porque foram tão marcantes para si. (2,5 valores)

Portalegre, 20 de junho de 2012